

BEYOND BORDERS – FESTIVAL ALÉM DAS FRONTEIRAS – ESCÓCIA (2016)
ENTREVISTA COM JERRY BROTTON

Meu nome é Jerry Brotton, sou professor de estudos do renascimento na Queen Mary University of London e estou aqui para falar sobre várias coisas sobre as quais escrevi nos últimos anos.

[UMA HISTÓRIA DO MUNDO EM DOZE MAPAS¹]

Uma é a história dos mapas; e a outra é a das relações anglo-islâmicas no período elisabetano. Eu escrevi um livro chamado *Uma história do mundo em doze mapas*, cerca de cinco anos atrás, pois eu sempre me interessei pela longa história dos mapas. Não sou um geógrafo treinado, na verdade, trabalho com literatura e história, o que eu também acho que me deu um ângulo interessante para revelar alguns dos mitos sobre como a geografia e a cartografia funcionam.

O livro trata de apenas doze mapas da história mundial, começando pelos gregos, pelo cartógrafo grego Ptolomeu, que viveu em Alexandria 150 d.C., e atravessa a História até o Google Earth, para falar de mapeamento digital online.

O livro olha para mapas do mundo islâmico, do sul asiático, assim como para mapas europeus, mapas ocidentais, com os quais somos mais familiarizados... Então a ideia era dar só um panorama geral da cartografia – as pessoas tendem a se fascinar com a maneira como o mundo acaba sendo retratado num mapa – e para contar as grandes histórias de como aquele mundo foi mapeado por culturas diferentes.

Meu mapa favorito é de um cartógrafo português chamado Diego Ribeiro. É um mapa-múndi de 1529, e eu adoro esse mapa porque mostra as consequências mundiais da primeira circunavegação ocidental do globo.

Como sabemos, [Fernão de] Magalhães circunavegou o globo de 1519 a 1522. Ribeiro foi um cartógrafo português que faz mapas para os espanhóis, e Magalhães navegou sob a bandeira espanhola, então Ribeiro era basicamente uma espécie de “assessor de imprensa geográfico” e ele produz mapas para mostrar onde as ilhas de especiarias (as ilhas Molucas, que estão atualmente no arquipélago indonésio) estavam, e os espanhóis pagam a Ribeiro para ele desenhar esse lindo mapa-múndi... que mente!

Ele mente sobre a exata posição dessas ilhas de especiarias. Mas ele faz o mapa e é um grande sucesso! Mas eu descobri que é completamente falso, é uma fraude.

Cartógrafos e historiadores da cartografia olharam para esse mapa por gerações dizendo “Não é maravilhoso?” E afinal descobri que é um completo exemplo de manipulação geográfica, e é por isso que amo esse mapa, em parte também porque acho que qualquer mapa, particularmente um mapa mundial, sempre tem que fazer seleções e decisões acerca do que vai ser colocado no desenho, e o que vai ser retirado.

Assim, você nunca vai encontrar um mapa que mostre o mundo como ele é, é absolutamente impossível, não dá para projetar um objeto 3D, um globo, em uma superfície plana, bidimensional. Está provado que é matematicamente impossível.

Nós sabemos disso e, na verdade, os gregos sabiam disso, as pessoas, os cartógrafos escrevem sobre isso há milhares de anos.... O que me interessou, portanto, foi mostrar essas histórias de como diferentes culturas criam mapas do seu próprio jeito e o que elas o fazem.

Então, é mais do que apenas manipular os dados, mas é o porquê, por que você mostra o mundo de acordo com a navegação, por que você mostra o mundo para seu proveito, por que

¹ Jerry Brotton, *A history of world in twelve maps*. London: Penguin, 2012

(Resenha: <https://www.theguardian.com/books/2012/aug/24/history-world-twelve-maps-review>)

você olha para o mundo em termos de finanças e geopolítica, o que conduz esses imperativos, porque todo mapa é conduzido por algum tipo de imperativo.

Então eu estou interessado, no meu papel de historiador, em dizer porque diferentes culturas e diferentes pessoas tomam essas decisões e como isso nos afeta, afeta o jeito de usar um mapa, já que você usa um mapa e tende a acreditar nele, acha que ele vai te levar de um lugar para o outro ou que vai ser preciso e confiável, quando na verdade ele provavelmente não o é, ou não completamente.

[ESTA ILHA ORIENTAL: A INGLATERRA ELISABETANA E O MUNDO ISLÂMICO²]

Este é um livro chamado *Esta ilha oriental: a Inglaterra elisabetana e o mundo islâmico*. O título é uma provocação intencional, porque brinca com a fala de Shakespeare sobre a “ilha coroada” em Rei Ricardo II. Eu queria dizer que, na verdade, a Inglaterra elisabetana é um período que geralmente é visto como o zênite de tudo, relacionado ao “britanismo”, sabe? Aristocratas pálidos, Londres, o campo... não tem nada a ver com comércio de longa distância e com certeza nada a ver com o mundo islâmico.

Mas isso é mito, então, o livro reconta como, sob a rainha Elizabeth, a Inglaterra tinha laços amigáveis muito, muito próximos, com o mundo islâmico, com os otomanos, com os persas e com a dinastia marroquina saadiana no noroeste africano. Elizabeth deliberadamente explorou essas alianças, já que o inimigo comum do Protestantismo inglês e do mundo islâmico é o Catolicismo.

Então houve uma aliança entre Elizabeth e essas potências islâmicas, que nunca foi realmente contada... É uma história que sempre foi esquecida na historiografia inglesa, então eu só queria corrigir isso e contar essa história, porque é uma ótima história, cheia de coisas bastante trágicas, mas também de coisas muito engraçadas, pessoas que viajam ao mundo islâmico, homens ingleses que viajam e se convertem ao islã, outros que viajam e trazem bens extraordinários, um traz um órgão que ele toca em frente ao sultão otomano na década de 1590...

É uma ótima história e eu acho que ela tem um aspecto muito importante de recontar um período da história inglesa que nós achávamos que conhecíamos, mas que, na verdade, não tenho tanta certeza que conhecemos. Há uma vertente na historiografia inglesa que não quer interagir com questões interculturais.

É claro que, hoje, há uma noção de que a comunidade muçulmana britânica não foi vista como tendo grande influência na cultura antes da migração em massa pós Segunda guerra mundial. Isso para mim parece, novamente, errado, porque estou mostrando como existe uma tradição muito mais extensa de troca entre muçulmanos e ingleses que cruzam ambas as culturas, e acho que tem a ver com o que acontece no século XVIII e XIX sob o império britânico.

Há uma noção de que o “britanismo” é muito claro e consolidado, e que não inclui reverenciar o mundo islâmico, que isso nunca fez parte daquela história... E isso está simplesmente errado, sabe? É uma visão tradicional imperialista sobre o oriente. Mas ainda há uma forte suposição de que o “britanismo” e, de fato, o “europeísmo” branco e cristão não está de forma alguma em dívida ou conectado à crença e cultura islâmica e, de novo, isso me parece uma completa má-compreensão da história.

Então, acho que há razões para isso, mas a maioria do material está disponível, sabe? Eu não “cavei” muito para achar esse material, Elizabeth não esconde suas cartas aos sultões otomanos, e todos [aqueles homens importantes] que conhecemos do período elisabetano, Drake, Raleigh, Walsingham, Cecil, Lorde Burghley, todos estão envolvidos nessa aliança com o mundo islâmico e isso está aí para todo mundo ver.

² Jerry Brotton, *The Orient isle: Elizabethan England and the Islan World*. London: Penguin, 2016 (Resenha: <https://www.theguardian.com/books/2016/apr/13/this-orient-isle-elizabethan-england-and-the-islamic-world-by-jerry-brotton-review>)

Eu amo o festival [Beyond Borders] porque ele é precisamente isso, ele tem o ethos que eu tento buscar no meu trabalho: é sobre perguntar como uma fronteira é criada e como isso cria conflitos, se nós podemos olhar para lições do passado, da história, para ver onde essas pessoas possivelmente interagiram com aquelas fronteiras e limites, se elas existiram de modos diferentes e como nós podemos usar isso para entender nosso sistema no presente, sabe?

Então aqui estou eu sentado, falando sobre como, no século XVI, homens e mulheres ingleses estão tentando entender as diferenças sectárias entre as crenças islâmicas sunita e xiita e há debates neste exato momento sobre o que está acontecendo em lugares como o Iraque.

Essas duas coisas me parecem conectadas, tanto em termos de como diplomatas, legisladores e políticos estão discutindo sobre isso no momento contemporâneo e como nós, como acadêmicos e historiadores também podemos apoiar esses debates e, às vezes, desafiá-los e dizer “em realidade, devemos nos lembrar que a história não foi bem assim”... e também fazer parte da discussão e do debate.

Por isso, acho que é um evento maravilhoso e estou muito entusiasmado de estar aqui.